

PIMENTA NA LÍNGUA

“NÓS PODEMOS PERDOÁ-LOS POR MATAREM OS NOSSOS FILHOS. MAS JAMAIS OS PERDOAREMOS POR TEREM OBRIGADO NOSSOS FILHOS A MATAREM OS SEUS”

Golda Meir



Dr. João Pimenta, Académico Honorário da Academia Brasileira de Odontologia.

Os próximos dois artigos terão como tema a guerra gerada por uma carnificina ímpar, sem qualificação possível. Não há qualquer justificação, e envergonha-me um português ter dito que esta carnificina “não veio do nada”. Não podemos dizer que repudiamos atos para depois dizer barbaridades destas... para mim a solidariedade não tem “mas” nem “ses”, e de uma vez por todas temos que nos posicionar de que lado queremos estar: ou do lado de uma civilização baseada nos valores judaico-cristãos, na liberdade, na democracia, no respeito pela pessoa humana, ou então do lado da barbárie, da falta de consideração pelas mulheres e pelas minorias, num retrocesso medieval.

O mundo tem que se definir. Porque amanhã pode ser tarde...eu sei de que lado quero estar, porque aqui há só mesmo “o branco e o preto”.

Decidi dar voz a dois artistas que muito aprecio. O tema é o da guerra de Israel com o Hamas, depois deste ter cometido no dia 7 de outubro uma das maiores atrocidades de que tenho memória...a minha alma chora sempre que me lembro desse dia.

A primeira é a Irene Pedras.

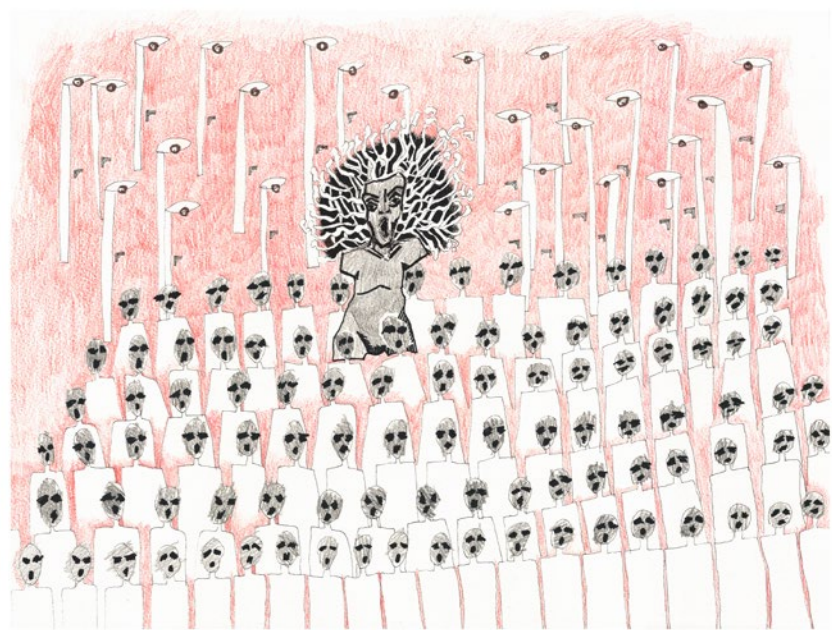
É licenciada em Artes Plásticas pela FBAUP e materializa o inconsciente na sua arte. Deu início à sua carreira artística com participações em exposições coletivas, sendo as do Centro Cultural Vila Flor as mais destacadas. Em 2022, realizou a sua pri-



Irene Pedras.



Desenho 1.



Desenho 2.

meira exposição individual, “Intenção/Intuição,” na Galeria Municipal de Arte de Barcelos. Em 2023, apresentou outra exposição de caráter individual no Museu de Artes Decorativas de Viana, continuando a desenvolver a sua expressão.

Nestes dois desenhos sobre o tema, que adquiri, Irene Pedras divaga da seguinte forma: “Fui convidada a refletir sobre o massacre que temos observado e estranhei como o maquiavelismo não me surpreendeu. Porventura, tenhamos atingido o cúmulo do pensamento prático e lógico, então, por que não tentar outra perspetiva... A natureza feminina, ou a energia transformadora, foi abafada e a igualdade nem ecoa na obsessão pelo controlo e aniquilação. Talvez seja pertinente analisar o que aconteceu a uma comunidade que silenciou as suas mulheres. A sabedoria, inteligência emocional e intuição, a ternura e companheirismo, a exaltação do prazer e sensualidade, o grito de justiça, parecem parâmetros de um *workshop* de espiritualidade aborrecido que podem querer evitar. Mas, revendo as características necessárias para o fanatismo religioso, como a resiliência, obediência e rigidez, podemos concluir que desenvolver a consciência feminina é urgente.”

Num terceiro desenho Irene reflete da seguinte forma

“Uma comunidade que pune as mulheres pela tentação que despertam, que as dispõe com os seus filhos como escudo, depois de impedir qualquer manifestação das suas possibilidades, revela que nada mais são do que ferramentas de guerra na programação e perpetuação de narrativas tóxicas, castradoras e ultrapassadas. Pode ser que o nosso privilégio em observar este horror com distância e perspetiva nos faça refletir sobre o quão importante é o poder silencioso e meigo do divino feminino. Como será uma geração de crianças com mães empáticas e cuidadoras? Como filhos educados com Humanidade e civismo exercerão poder? Como será crescer numa comunidade em que as pessoas expressam a sua criatividade e prazer sem culpa e vergonha? A energia do divino feminino é ágil e ataca apenas quando é necessário; a mãe sabe que os seus filhos estarão mais seguros se mantiver a segurança na sua comunidade. Como seria a Palestina se as crianças, em vez de serem educadas para o ódio, pudessem comunicar livremente e aprender com as suas mães?”



Desenho 3.

Num mundo que queremos de paz reflitamos sobre uma outra frase de Golda Meir:

“Se os palestinos baixarem as armas, haverá paz. Se os israelitas baixarem as armas, não haverá mais Israel”.

AGORA PENSEM!... ■

Ilustrações de Irene Pedras da coleção particular de João Pimenta.